

APRESENTAÇÃO

Artur Perrusiⁱ
Ednalva Maciel Nevesⁱⁱ

O dossiê temático “Corpo e saúde” da Caos – Revista do Curso de Ciências Sociais reúne e apresenta, ao público, as reflexões elaboradas por pesquisadores em diferentes níveis de formação, revelando o caráter promissor e agregador que envolve esses temas. É nossa intenção contribuir para os estudos acerca do corpo, saúde e doença, explorando as diferentes nuances teóricas e metodológicas, apresentadas pelos autores, em suas configurações e singularidades contemporâneas.

Corpo e saúde são temas fundamentais para refletir sobre as relações sociais e a construção da subjetividade no mundo contemporâneo, iluminando, desta forma, as relações entre indivíduo e sociedade.

Ora, em relação ao corpo, o senso comum tende a naturalizá-lo, até porque a evidência de sua realidade física é um fato. A naturalização do corpo, um efeito ideológico de nossa época, impõe uma resistência à sua apropriação pelas ciências sociais. Muitas vezes, o corpo é simplesmente a última fronteira, como se fosse um objeto apenas pensável pelas ciências da natureza. Sua constituição seria anterior, lógica e ontologicamente, à instituição do social e da cultura. Assim, o sujeito seria um objeto das ciências sociais, mas um sujeito *sem corpo*. Foram as inferências sócio-antropológicas de Marcel Mauss (2003) que colocaram a necessidade de considerar o corpo *também* como uma construção social. Seus trabalhos sobre as técnicas corporais, ao perceber o fundamento corporal de diversas normas simbólicas, foram essenciais para entender como o corpo se constitui num dos principais instrumentos de socialização e de ordenação do mundo nas sociedades.

O corpo, por estar inscrito nas relações sociais, possui uma *história*, relacionada principalmente ao seu disciplinamento e, como consequência, à normalização dos comportamentos dos indivíduos. O disciplinamento e a normalização, modulações da diferenciação social, perfazem uma economia das práticas corporais, como analisou Norbert Elias no processo civilizador. E seria, justamente, a partir da inscrição física das práticas corporais na ordem social, que Bourdieu pensará o conceito de habitus, uma noção já presente nas inferências programáticas de Mauss. Tais autores, em suma, *desnaturalizam* o corpo e o recolocam no ordenamento geral da sociedade.

Já a saúde forma um “campo” (Bourdieu, 2007), isto é, estrutura-se como um espaço social de dominação e conflito. Nesse sentido, no campo da saúde, existe luta para a definição de hierarquias e classificações simbólicas – a estratificação técnica e profissional, os conflitos em torno das classificações nosológicas e das representações de doença, a luta pelo reconhecimento dos usuários, entre outros exemplos. Ao mesmo tempo, a sua lógica organizativa e institucional possui uma relativa autonomia, logo, há regras e normas próprias à reprodução do espaço social.

Contudo, a saúde transborda seu próprio “campo”, pois é uma categoria de valor fundamental para entender o mundo contemporâneo. A saúde é uma ordem axiológica que define a boa vida e como viver bem. Ela captura, assim, valores essenciais como a vida, produz processos de subjetivação e de assujeitamento, ao criar bioidentidades, e modula novas formas de reconhecimento social, logo, de fazer política.

Não causa surpresa, assim, que corpo e saúde são temáticas que se complementam e se completam. Por isso, o tema da saúde desponta, inclusive, como um domínio de pesquisa que revela as modalidades de percepção do corpo e do adoecimento, dentre elas a manipulação e a consciência do instrumento biocorporal dos indivíduos. Se as abordagens sobre a doença eram a tônica de determinados estudos, a ênfase cultural sobre a saúde tem revelado como determinados processos sociais contemporâneos estão pautados numa perseguição ao ideal da “saúde perfeita”. Essa verdadeira “utopia” interpela, de forma normativa, os sujeitos e tem, como consequência, uma série de transformações e processos que vão desde a realização de pesquisas, a fabricação de tecnologias, até o surgimento de terapêuticas, discursos e saberes.

Refletindo, dessa forma, toda essa riqueza temática, o dossiê temático reúne textos sobre a experiência contemporânea com o HIV/Aids, diabetes, criminalização de abortamento, novas tecnologias reprodutivas, corpo e gênero, benzedura, pesquisas com células-tronco, auto-hemoterapia, história da loucura na perspectiva da literatura, fome e uma reflexão sobre o popularmente chamado “kit gay”. Em suma, corpo e saúde, como objetos de estudo, permitiram uma pluralidade de abordagens, o que possibilitou problematizar teorias, metodologias e interpretações empíricas bastante diferentes entre si.

Finalmente, iniciamos essa coletânea, apresentando o texto de Átila Carvalho, que se apropria da abordagem sociológica durkheimiana para a leitura das representações coletivas sobre a epidemia de Aids, utilizando também conceitos como segredo e estigma, abordados por autores como Simmel e Goffman.

Lindaci Loiola traz resultados de pesquisa acerca da vida de casais sorodiscordantes, revelando aspectos relacionados à adaptação e às mudanças que enfrentam os casais em seus relacionamentos.

Ainda sobre este tema, Ednalva Neves e Débora Arruda fazem uma reflexão sobre sociabilidades, envolvendo a etapa da cronicidade da epidemia da Aids e explorando a experiência de enfrentamento e estigmatização que advém com o diagnóstico. Sobre a experiência da doença, Wilka Santos e Ednalva Neves discutem a construção da identidade a partir da incorporação biográfica da diabetes, analisando as dificuldades de autoreconhecimento e de gestão de si mesmo.

Sobre o aborto, apresentamos o texto de Mariana Costa e Eduardo Sérgio Sousa, que exploram as relações entre profissionais de saúde e mulheres em situações de abortamento, revelando as influências na assistência à saúde, de valores socioculturais sobre o aborto provocado. Tal temática aborda os direitos reprodutivos e o corpo no processo de controle e medicalização mobilizado pelas Novas Tecnologias Reprodutivas, em particular das técnicas de concepção.

Já Leci Corrêa enfatiza a individualidade feminina, a partir do conceito de gênero, enquanto uma experiência entre indivíduo e corpo, estereótipos e identidade.

Além disso, os textos, aqui reunidos, apresentam determinados circuitos culturais, até então considerados desaparecidos ou ultrapassados, como relevantes para a análise sócio-antropológica. Por exemplo, o benzimento ou a benzedura mostra uma vivacidade e uma plenitude mesmo nos contextos urbanos das cidades brasileiras.

Uma das experiências é apresentada por M. Cristina Carvalho, numa comunidade chamada São João do Caxumbá, em que a religiosidade católica inclui práticas de curas, tais como rezas e benzimento.

Ou ainda, Fabiano Araújo traz uma experiência marcante com uma benzedeira de um bairro da cidade de João Pessoa/PB, recolhendo algumas de suas narrativas sobre procedimentos de cura.

Já Luana Cunha promove uma reflexão sobre pesquisas com células-tronco embrionárias com vistas ao uso em tratamentos terapêuticos, tendo a ciência uma posição

transcendental atribuída à teologia. É ainda nessa perspectiva que Teógenes Costa traz um “recorte empírico” com o uso da auto-hemoterapia, em sua dimensão simbólica.

Ao discutir a formação de um processo identitário, Márcio Lima traz uma análise sobre a construção da identidade do louco na literatura brasileira, particularmente na obra “O Alienista”, estudada como representação sobre a loucura no Brasil.

A apreciação sobre a fome, como um fenômeno fisiológico e social, é examinada por Arthur Guimarães, reconhecendo a obra de Josué de Castro como marco acadêmico de reflexão, em sua dupla dimensão expressa entre o *bio* e o sociológico.

Por fim, Paula Brandão e Tereza Santana contribuem para o debate social acerca da validade educativa do “kit de Combate à homofobia” como política nacional de combate aos comportamentos estigmatizantes e violentos face à diversidade de gênero.

Referências:

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

i Professor de sociologia do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, líder do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura/GRUPESSC. Contato: aperrusi@uol.com.br

ii Professora de antropologia no Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, pesquisadora integrante do GRUPESSC. Contato: ednmneves@gmail.com